



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no ato de lançamento do Pólo de Fruticultura da Amazônia**

**Benevides-PA, 21 de agosto de 2003**

Se o companheiro tivesse só mais 15 segundos de paciência, eu iria começar citando o nosso prefeito Luis Sólon, prefeito de Benevides, que está aqui presente. A pressa é inimiga da perfeição.

Quero cumprimentar o nosso governador Simão Jatene, governador do estado do Pará,

Meu companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Minha companheira Marina Silva, ministra do Meio Ambiente,

Meu companheiro Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional,

Meu companheiro Luiz Soares Dulci, ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República,

O governador do estado do Amazonas, Eduardo Braga,

O governador do estado do Acre, Jorge Viana,

Quero cumprimentar os deputados e as deputadas, senadores e senadoras e os deputados estaduais que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar os prefeitos, que eu sei que tem alguns aqui presentes,

Quero cumprimentar essa gente que está de branco aí, de chapeuzinho, que, na verdade, é quem trabalha para essa cooperativa ir para a frente e que merece todo o nosso respeito.

Quero cumprimentar todos os dirigentes da cooperativa, em especial eu queria que os companheiros da mesa se sentissem como se eu tivesse citado o seu nome, em nome do meu companheiro Avelino Ganzer. E eu cito o Avelino, em especial, porque nós temos uma longa trajetória de lutas por esse



país afora. E fico feliz que o Avelino esteja coordenando uma cooperativa de agricultura familiar, junto com o companheiro Antônio.

Quero cumprimentar os companheiros da ICCO, com a companheira representante da ICCO, o companheiro Lorenzetti,

O Sebrae, que está aqui representado pelo seu diretor administrativo, conhecido mais popularmente como tesoureiro, que precisa fiscalizar se o Sebrae vai colocar alguma coisa aqui, porque senão eu cobro dele.

Meu caro Roger,

Demais companheiros,

Eu adquiri o hábito, depois de eleito Presidente da República, de fazer o discurso como foi escrito, que é uma forma de controlar o tempo, porque eu vou ficando emocionado e vou contando caso. E a agenda do Presidente não permite que eu tenha a flexibilidade que eu tinha antes de ser Presidente da República. Mas eu quero dizer uma coisa para vocês, antes de ler o meu discurso. Possivelmente nem todo mundo tem ainda a dimensão do significado desse ato de hoje, e muito menos, do significado da revolução cultural que vocês estão fazendo aqui, na cidade de Benevides, no estado do Pará e em muitas outras cidades onde os produtores rurais e suas famílias trabalham para produzir a matéria-prima que vocês utilizam aqui.

Cooperativa, governador Jatene – embora tenha sido uma das razões pelas quais alguns estados do sul do país se desenvolveram mais rapidamente que outras partes do Brasil, notadamente o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, já menos no estado do Paraná, menos em São Paulo, mas ainda com algumas cooperativas –, o que me fascina é que cooperativa é uma coisa que nasce dentro da gente; toda vez que começamos a fazer alguma coisa na vida, a gente, em algum momento, descobre que “a união faz a força”.

Todo mundo sabe disso, todo mundo também sabe que sozinho eu sou fraco, mas se eu estivesse com um monte de gente perto de mim, eu seria



mais forte. Eu aprendi isso no movimento sindical, e o primeiro material escrito que eu fiz para a categoria, para tentar motivar os trabalhadores a participarem da luta, foi com o exemplo de um feixe de vara, em que eu mostrava que o trabalhador sozinho era uma varinha que qualquer um poderia quebrar; depois eu colocava um feixe de vara para mostrar o quanto era difícil, por mais forte que fosse o adversário, quebrar um feixe de varas juntas.

O que vocês estão fazendo aqui, meus companheiros, é colocar cada vez mais gravetos de lenha nesse feixe, para torná-lo cada vez mais inquebrantável, porque um pequeno produtor sozinho tem pouca chance de sobreviver em uma economia de concentração de riqueza como a nossa, em uma economia de um mundo globalizado.

A cooperativa, portanto, é uma das saídas que a sociedade brasileira tem para ajudar os mais pobres, os pequenos investidores, os trabalhadores rurais, os trabalhadores urbanos, os microempresários, os pequenos comerciantes.

Quis Deus que eu pusesse no Ministério da Agricultura possivelmente uma das maiores autoridades do mundo em cooperativismo, que é o companheiro Roberto Rodrigues. Companheiro que não foi apenas presidente mundial das cooperativas, como dentro do governo me ajudou a convencer outros companheiros, sobretudo o pessoal do Tesouro, de que era preciso flexibilizar a legislação, para que pudéssemos criar cooperativas. Alguns jornais não gostam que eu utilize a palavra “nunca”, mas eu vou repetir: nunca, neste país, as cooperativas foram tão facilitadas, e nunca foi tão fácil criar uma cooperativa como está sendo, agora, em apenas sete meses de governo.

Quem quiser se organizar em cooperativas, trate de se organizar, porque não existe mais mecanismos burocráticos, impedindo a criação de cooperativas no nosso país, seja de trabalhadores dentro da fábrica; seja de trabalhadores na agricultura; seja cooperativa de crédito, que é uma outra coisa importante para que a própria comunidade possa, se organizando, fazer com



que haja circulação de dinheiro em uma região do país, ou em uma comunidade.

Por que nós fizemos isso? É porque nós queremos socializar o dinheiro no Brasil. É preciso que mais gente tenha acesso ao dinheiro, porque assim mais gente pode consumir; e mais gente consumindo significa que mais gente vai trabalhar; e mais gente trabalhando vai ter mais dinheiro. É esse círculo virtuoso que nós queremos criar na economia brasileira.

O exemplo que aqui, quase no coração da Amazônia – eu nunca falo “no coração” porque daqui a pouco o governador Eduardo Braga vai dizer: não, o coração é lá em Manaus; e o Jorge Viana vai dizer: não, é lá em Rio Branco, no Acre. Como o coração é grande e o da Amazônia é maior, toda a Amazônia faz parte do mesmo coração, então cada um tem uma fatia desse coração – aqui, neste coração da Amazônia, com esse calor que para vocês não parece nada, mas que para nós, que viemos de Brasília, é pesado, a gente vê que um conjunto de trabalhadores da agricultura familiar, que um conjunto de trabalhadores de uma indústria resolveram dar a demonstração de que um pólo fabril, que estava falido, foi recuperado pelo conjunto dos trabalhadores e hoje está garantindo cidadania, decência e dignidade a milhares de pessoas e ainda poderá crescer muito mais.

Por isso o meu orgulho, o meu prazer e a minha satisfação de estar aqui com vocês, dizendo que não faltará, da parte do governo federal, da parte do Ministério da Agricultura, da parte do Ministério da Integração, da parte do Basa, da parte da SUDAM – que nós vamos recriar hoje, aqui no estado do Pará – que não faltará da parte do Banco do Brasil, ajuda para que as cooperativas cresçam, se fortaleçam e sejam uma das formas de geração e distribuição de riqueza no nosso país.

Nós ainda temos muita coisa para fazer no Brasil. Muita. Eu não sei se vocês perceberam, eu ando com o ar mais tranquilo do que eu andava quando vinha aqui, quando eu não era Presidente. Estou muito mais tranquilo, porque



estou muito mais consciente das minhas responsabilidades e com muito mais certeza que vamos fazer tudo aquilo que nós prometemos durante a campanha eleitoral, para o povo brasileiro. Estou convencido disso. Agora, de vez em quando, eu peço paciência, porque tem gente apressada.

Eu não sei se vocês já perceberam, quando vocês vão numa churrascaria comer um rodízio, tem aquele apressado que tudo que é maionese que vem ele come, tudo que é lingüiça que vem ele come. Aí, quando chega a hora da coisa nobre, ele já está com o “bucha cheio”, ele não quer mais a picanha, a costela, a chamada carne nobre. Ele já não consegue comer. Pagou por ela e não comeu, porque foi apressado.

Então, temos que ter um certo controle na nossa ânsia, na nossa angústia de querer fazer as coisas com a rapidez que todo mundo necessita. Nós vamos fazer. E começamos pelas reformas. A reforma da Previdência foi um bem para este país. Quem é que não gostou da reforma da Previdência? Quem ganhava 40 ou 50 mil reais e que agora vai estar limitado por um salário de 17 mil deve estar com ódio do governo. Mas nós, que nunca falamos em acabar com marajá, acabamos com o marajá com a reforma da Previdência Social. Quem é que não gostou? Pessoas extraordinárias que o Brasil precisa, grandes intelectuais, grandes advogados, grandes procuradores, grandes médicos, pessoas que a Nação precisa, se aposentavam com 53 anos de idade, ou com 48 anos de idade, se fosse mulher, enquanto um trabalhador que trabalha plantando maracujá teria que esperar 60 anos para se aposentar.

Então, obviamente que tem gente que não gostou. Mas eu também não nasci para agradar a todo mundo, nem Cristo conseguiu. Eu quero apenas ser justo com meu povo e com a minha consciência. Eu quero, toda noite, deitar a cabeça no travesseiro e dizer: eu estou fazendo o que a maioria do povo brasileiro deseja que seja feito neste país e vou fazer, custe o que custar, porque esse povo não pode continuar passando a miséria que está passando, porque este país é muito grande e muito rico. E este país tem que



compreender que a grande segurança que nós vamos dar para todos é conseguirmos fazer com que a riqueza seja distribuída de forma mais equânime e mais justa. E essa é uma busca incessante, não só minha, mas de todo o Governo.

Por isso é que este país nunca teve a quantidade de crédito que tem hoje para o pequeno produtor: foram 5 bilhões e 400 milhões para a agricultura familiar. E em apenas 12 dias depois de anunciado, o dinheiro já estava no Banco do Brasil ou nas cooperativas, para as pessoas retirarem. Com o compromisso, meu caro Valdir Ganzer, de que no dia 31 de dezembro a gente não quer um centavo desse dinheiro no Banco do Brasil; esse dinheiro tem que ser emprestado, para que os agricultores possam plantar, e todos nós sabemos que a economia do país precisa voltar a crescer.

Ninguém mais do que eu, que já fiquei um ano e dois meses desempregado, sabe que a economia tem que voltar a crescer, mas ninguém faz a economia voltar a crescer com um passe de mágica. Nós agora estamos em uma fase importante, estamos elaborando o Plano Plurianual, que vai ser entregue no final de agosto no Congresso Nacional e, pela primeira vez, a gente está fazendo um plano discutido com a sociedade brasileira.

Os 27 estados da Federação participaram do debate; então, pela primeira vez, o Plano Plurianual não será um projeto de consultoria contratada pelo Ministério do Planejamento, nem será a vontade do Presidente da República. Será a vontade dos 27 governadores, de milhares de prefeitos e de 2.170 entidades da sociedade civil, que participaram da execução do Plano Plurianual.

O que é importante para cada região deste país? O que é importante, que modelo de desenvolvimento será importante para a Amazônia neste momento histórico que estamos vivendo?

Vamos dar entrada no Congresso Nacional, vamos definir as prioridades e vamos começar a procurar parceiros para fazer as obras, porque também



não adianta nada ter um belo projeto, constatar que o caixa está vazio e ficar, ano após ano, com aquele belo projeto engavetado, sem dinheiro e por fazer.

Nós vamos discutir com carinho aquilo que o governo pode fazer sozinho; aquilo que o governo pode fazer em parceria com os governadores de Estado; aquilo que o governo pode fazer em parceria com a iniciativa privada nacional; aquilo que podemos fazer concessão para a empresa privada nacional fazer sozinha; aquilo que podemos fazer para convencer empresas internacionais a investirem aqui dentro. Aí, nós achamos que esses bons projetos irão trazer o dinheiro que falta para fazermos as obras necessárias no Brasil.

Eu saio daqui, olhando no rosto de mulheres e homens que possivelmente, alguns anos atrás, não tinham quase nenhuma expectativa de vida e hoje estão aqui, com as suas famílias, vivendo num padrão de vida um pouco mais digno; longe de ser o ideal, longe, não é, meu caro Marcos Barros – meu querido presidente do Ibama –, porque atingir o ideal, às vezes, demora muito. O que é importante é que a gente não desista nunca de conquistar isso que nós consideramos ideal.

Por isso, meus companheiros, eu quero dizer para vocês, do Pólo de Fruticultura da Amazônia, os companheiros da nova Amafrutas, e ao governador Simão Jatene, que eu penso que vocês estão fazendo história.

Possivelmente, a maioria dos pequenos agricultores ainda não tenha dimensão do significado de se juntar, confiar em outro companheiro, confiar em um companheiro que não está lá com ele, mas que está aqui na fábrica trabalhando, confiar em uma pessoa que vem do estrangeiro para ajudar, confiar no Jorge Lorenzetti, que é de Santa Catarina e que faz relação internacional. Ou seja, confiar em pessoas que muitas vezes a gente nem conhece.

Mas, muitas vezes, nós não temos que conhecer as pessoas, muitas vezes temos que sentir as pessoas, nós temos que acreditar nos sentimentos



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa e Divulgação**  
**Discurso do Presidente da República**

---

das pessoas e o que vocês estão fazendo aqui hoje é, no silêncio de vocês, dizendo a mim, dizendo ao Jatene, dizendo aos ministros, apenas uma frase: Presidente da República cumpra com a sua parte, que nós, trabalhadores, cumpriremos com a nossa.

Muito obrigado, meus companheiros, sucesso e que Deus abençoe vocês.